



CLASSIFICADOS: EXCELENTE OPORTUNIDADE



Você e sua família, gostariam de viver um dia inesquecível, em ambiente acolhedor, revendo amigos dos “áureos tempos”, participando de um momento de reflexão e oração, ao som de um Coral de vozes selecionadas, participar de um churrasco regado à cerveja e muita amizade?

Então não perca tempo, inscreva-se no XIV Encontro dos Ex-Alunos do Ibaté e venha desfrutar de tudo isto tendo ao fundo o magnífico cenário do Morro do Saboó.

Acesse o link: <http://fwabaco.dyndns.org/echus> e faça já sua inscrição.

Eis a programação:

Data: 24 de agosto de 2019, um sábado

Local: Seminário do Imaculado Coração de Maria - São Roque - Ibaté

Acolhida e inauguração da Placa Comemorativa

Café da Manhã

Santa Missa

Churrasco de Confraternização

Audição do Coral: VETERES IBATEANI.

Tudo isto em espírito de PARTILHA, tema do Encontro.

“Vimos partilhar, ó MÃE, a riqueza do nosso convívio”

Importante o evento tem horário de início: 9:00 hs. E não tem hora para acabar.

Aproveite venha refazer suas esperanças, estreitar ainda mais a amizade. Se perder esta chance só daqui a 2 anos ou no Encontrão na Casa do Pai.



ADEUS, MONS.CLEMENTE



Joel Hirenaldo Barbieri*

Na manhã do dia 8 de abril faleceu **Monsenhor José Oswaldo Clemente**, que estudou no Seminário de São Roque de 1954 a 1957, aos 79 anos de idade. Com a saúde bem comprometida, há alguns anos, entregou a sua bela alma a Deus, partiu para a Casa do Pai.

Na levítica diocese de Taubaté, a notícia correu célere, a tristeza tomou conta de toda a cidade que o acolheu e o tornou cidadão taubateano. A missa de corpo presente foi celebrada no Santuário Diocesano de Santa Teresinha do Menino Jesus, com a presença de bispos, sacerdotes, com a igreja lotada de fiéis.

Monsenhor Clemente nasceu no dia 13 de agosto de 1939, em Redenção da Serra, cidade de natureza exuberante e paisagens bucólicas e que ele descreveu como sendo “uma pequena cidade, pobre quanto às riquezas da terra, mas cheia de gloriosas tradições, rica de nobreza e de testemunhos cristãos e humanos”. Aliás, é fato incontestável: as pequeninas cidades, em todas as épocas, sempre nos legaram proeminentes vultos de nossa História que se destacaram nas ciências, nas artes, na literatura, na música, na política, no clero.

Que trajetória magnífica teve Monsenhor Clemente! Estudos primários em sua terra natal. Estudou no Seminário Diocesano Santo Antônio de Taubaté, no Seminário Médio Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, nas colinas do Ibaté, em São Roque, no Seminário Maior de Aparecida e no Seminário



Monsenhor José Clemente

Central da Imaculada Conceição, em São Paulo. Por alguns anos, tive o privilégio de tê-lo como meu colega de seminário, o que muito me honra e dignifica. Ordenado sacerdote em 20 de dezembro de 1964, exerceu diversas funções: Ministro de Disciplina e Professor do Seminário Diocesano de Santo Antônio, Vigário Paroquial e Pároco da Paróquia da Santíssima Trindade, Presidente do Serviço Paroquial de Assistência da Vila Nossa Senhora das Graças, Cônego Catedrático do Cabido Diocesano, Juiz-Auditor da Câmara Auxiliar Permanente do Tribunal Eclesiástico, Capelão do Sumo Pontífice, o Papa João Paulo II, Diretor Espiritual do Movimento de Cursinhos de Taubaté, Cidadão Taubateano, título que recebeu da Câmara Municipal de Taubaté, Vigário Geral da Diocese de Taubaté e Pároco e Reitor do Santuário Diocesano de Santa Teresinha do Menino Jesus.

A Professora Maria Mércia Agostinho, ilustre e estimada Colega da Academia Taubateana de Letras sintetizou em poucas palavras o perfil do já saudoso Monsenhor José Oswaldo Clemente: “É maravilhoso saber que neste mundo conturbado em que vivemos existem pessoas ímpares que sabem fazer a diferença, como o Monsenhor Clemente que vive irradiando paz, luz, verdade e bondade, trazendo conforto e esperança para corações inquietos ou almas aflitas.”

Monsenhor Clemente, feliz eternidade, junto de Deus rogue por nós, seus colegas do Ibaté. Amém.

(*) Joel Hirenaldo Barbieri, 81 (51/58), licenciado em Letras e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Aposentado no cargo de Diretor da Câmara Municipal de Taubaté. Escritor, Poeta e Membro da Academia Taubateana de Letras. Joel.hirenaldo@terra.com.br

NA CASA DO PAI

• Faleceu no dia 02.03.2018, aos 79 anos de idade, o ibateano Miguel Conte (51).

• Faleceu no dia 16.05.2019, ao 83 anos de idade, o ibateano Fernando Antonio Camillo (50/51). Era pastor na Igreja Evangélica Renovação e Paz, no bairro Tinga, em Caraguatatuba-SP.

• Faleceu no dia 23.05.2019, aos 71 anos de idade, o ibateano José Anchieta da Costa (58/62). Era um dos mais importantes cenógrafos e figurinistas do teatro brasileiro. Seu último trabalho, neste ano, foi na ópera O BARBEIRO DE SEVILHA.



MIGUEL CONTE



FERNANDO CAMILLO



JOSÉ ANCHIETA



“A hora nossa de cada dia - Cinco e vinte da manhã: “Fortes badaladas do sino arrancam-nos das regiões do sonho”. Seis horas: meditação, precedida da oração da manhã. Em seguida, Missa. Em sequência, ginástica no pátio interno: “É bom preparar o estômago para um gostoso café, exercitando o corpo ainda não de todo acordado. No café todos trabalham bem!” Quinze minutos de recreio. Estudo. Oito e trinta, primeira aula. Nove e vinte, recreio de quinze minutos com reforço do estômago. Dez e trinta e cinco, segunda aula. Onze e trinta, almoço. Recreio a seguir, de uma hora e quinze minutos. Joga-se vôlei (campeonato), anda-se de perna-de-pau, ping-pong, brinca-se. Treze e quinze, “vão todos cansados e suarentos à capela: exame de consciência!” Quatorze horas, terceira aula. Recreio em seguida, de quinze minutos, quando os barbudos fazem a barba na quarta e no sábado. Às dezesseis e quinze, quarta aula. Quinze minutos de recreio. Em seguida, leitura espiritual na capela. Segue-se o jantar e o recreio obrigatório. Findo este, quarenta e cinco minutos de estudo. A seguir, na capela outra vez, Reza do Terço, Bênção do Santíssimo, Oração da noite. Por fim, em fileira e cantando o Sub Tuum, todos se dirigem ao descanso noturno”.

Transcrevi as informações de nosso querido amigo e colega Joaquim Benedicto de Oliveira (), em seu precioso trabalho sobre a vida nos seminários por onde passou. Está esse trabalho no repositório elaborado por nosso líder Wilson Mosca e publicado na internet, onde podemos encontrar acesso a todas as edições do Echus do Ibaté e muito mais.

O trecho que transcrevi nos propicia conhecer quantos minutos tínhamos para conversar, nos dias da semana letivos. Tínhamos maiores oportunidades às quintas-feiras e aos domingos, dias de folga. Não me lembro muito bem como eram os nossos sábados. Deles, recordo os momentos sempre emocionantes dedicados, ao cair da noite, à Virgem Imaculada, cujo coração foi nosso abrigo. Mas, nos dias comuns de aulas, informa o Quinzinho, tínhamos:

Quinze minutos de recreio, após o café da manhã e antes de irmos para o salão de estudos;

Às nove e vinte, novo recreio de quinze minutos;

Após o almoço, recreio de uma hora e quinze minutos;

Após a terceira aula, na parte da tarde, novo recreio de quinze minutos;

Novamente quinze minutos de recreio, após a quarta aula;

Depois do jantar, recreio obrigatório, de que o Joaquim não diz quanto durava.

Somando tudo, temos duas horas e quinze minutos bem cronometradas, mais o recreio de depois do jantar. Digamos que fosse menor que o recreio após o almoço, talvez uma hora. A soma geral seriam três horas e quinze minutos.

Sinceramente, eu acredito que o Joaquim Benedicto de Oliveira exagerou, quanto ao número de recreios de quinze minutos: dois na parte da manhã e dois na parte da tarde, fora os dois recreios maiores, “post prandium”. Para mim, tínhamos 15 minutos na parte da manhã e mais 15 minutos na parte da tarde, fora os dois recreios maiores, após o almoço e após o jantar. Nas minhas lembranças, após o jantar não teríamos mais que 45 minutos. Assim, a soma seria de 15 + 75 + 15 + 45 = 150 minutos por dia, para falar, ou seja, 2 horas e meia.

Estamos, portanto, entre 2 horas e 30 minutos da minha conta e 3 horas e 15 minutos da conta do Quinzinho. Só que, depois do almoço, era obrigatório fazer alguma coisa: quem não estivesse jogando vôlei, que fosse para a mesa de pingue-pongue. Parado é que não se podia ficar. E, depois do jantar, também nada de ficar parado, nos cantos, fazendo rodinhas de bate-papo.

Tínhamos que formar grupos de duas fileiras, geralmente com 3 a 5 seminaristas em cada uma, sendo uma fileira de ida e outra de volta, olhando os de uma para os da outra, e andando de cá para lá, de uma ponta a outra do recreio. Nada de ficar parado. E, muitas vezes, com um padre participando do grupo.

Na verdade, há que considerar a condescendência de alguns professores que, durante as aulas, faziam vista grossa para alguma manifestação verbal de seus alunos.

No mais, imperava o silêncio, inclusive nas filas de ir e vir, onde um “cagueta” anotava quem abrisse o bico, para contar ao obstinado Padre Ministro. Numa dessas, fiquei sem ir à piscina, de castigo, por ter falado na fila. Quem me denunciou? É bom que eu não saiba. Fui bedel de turma e, fora umas broncas no José Maria Pinheiro (perdão, senhor bispo), nunca dedei ninguém ao todo poderoso Padre Ministro, nem ao Prefeito que, nesse meu “mandato”, creio que fosse o Walmir.

Nos meus quase cinco anos de Ibaté, tive apenas dois cargos: esse, de auxiliar de Prefeito, em certa ocasião, e o de costurador de bolas de futebol e fazedor de tabelas de jogos de vôlei. Eu adorava costurar aquelas bolas de capotão com aquelas agulhas tortas. Achava um barato fazer isto. Depois, tinha que ensebar. Quanto aos times de vôlei, era proibido terem os nomes de Palmeiras, São Paulo, Flamengo, Náutico, etc. Para evitar rivalidades. (de propósito, não mencionei, aqui, aquele time que vocês estão pensando).

Mas, estou escrevendo tudo isto para reclamar. Fora esse precioso trabalho do Joaquim Benedicto de Oliveira, mais o meu despretenso Palavra de Seminarista, onde estão as publicações dos famosos diários elaborados por muitos de nossos colegas? Ninguém tem nada para contar? Não aconteceu mais nada, depois de 1954? A história do Seminário Menor (depois, Médio) Metropolitano do Imaculado Coração de Maria vai morrer conosco? Vamos ter que garimpar uma ou outra informação nas já 160 edições do Echus do Ibaté? Por oportuno, fica aqui o elogio à equipe que mantém essa preciosidade bimensal, sob o inigualável comando e denodado esforço de nosso Wilson Mosca.

Colegas: precisamos deixar para os pósteros um amplo depoimento do que foi viver em um seminário tridentino, onde meninos eram internados aos 11 anos de idade e ficavam fechados a sete chaves para o mundo, inclusive nos períodos de férias. Tal experiência não pode ir para o túmulo, junto conosco. Vamos, pessoal: escrevam!!!



JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA

(*) Paulo Francisco Toschi, 81 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA” paulofranciscotoschi@yahoo.com

NEM NADA

JOSÉ ÉDSON SOARES DA CRUZ*



Nem tudo é interessante.
Nem todo negro é meliante.
Nem todo signo é significante.
Nem todo creme é hidratante.

Nem sempre a dor é degradante.
Nem toda mulher é exuberante.
Nem todo amor é estonteante.
Nem sempre a alegria é esfuziante.

Nem toda doença é contagiante.
Nem todo o champagne é borbulhante
Nem sempre o fim é logo adiante.
Nem todo sorriso é radiante.

Nem todo crime é chocante.
Nem sempre a vitória é acachapante.
Nem todo o pensamento é brilhante.
Nem todo poeta é Dante.

Nem todo paquiderme é elefante.
Nem todo perfume é desodorante.
Nem todo cachorro mija no hidrante.
Nem todo político é um farsante.

Nem todo marmanjo é um gigante.
Nem todo minuto passa num instante.
Nem todo ator pornô é bom amante.
Nem todo cafundó é tão distante.

Nem todo grilo é falante.
Nem todo estilo é elegante.
Nem todo cansaço é ofegante.
Nem todo milagre é impressionante.

Nem toda joia é diamante.
Nem toda letra é consoante.
Nem todo doente é deambulante.
Nem todo espasmo é excruciante.

Disseram que era repugnante
Mas eu achei muito instigante
Porque me cativou bastante
Essa rima tão contagiante.

(*) JOSÉ ÉDSON SOARES DA CRUZ, 59 (72/73), é músico, poeta, editor, cibercultor e escritor - dentre vários livros, é o autor de "Sambaqui", "Ilheu" e "O canto verde das maritacas". 11-96292.2981 sonartes@gmail.com

O OUTONO DA VIDA

ALFREDO BARBIERI (49/53)

A infância para mim é Primavera
Cheia de flores, risos e canções.
Dilatar este tempo, quem me dera,
e viver cada momento emoções.

Já, o Verão reflete a mocidade
Plena de sonhos e premonições.
Alargar esta etapa, de verdade,
Curtir intensamente sensações.

Mas, o Outono da vida me cativa,
é plenitude, amadurecimento,
colhendo frutos de uma vida ativa;

é o passado que se faz presente,
é do futuro um aprimoramento
e do amanhã certeza consciente.

1º Lugar no IX Concurso Literário interno "Acadêmica Maria Morgado de Abreu", categoria SONETO: Tema: OUTONO DA VIDA.

JOEL BARBIERI (51/58)

Outono, renascer de nova era,
nuvens brancas de amor e de saudade,
lembranças do verão, da primavera,
promessa de feliz melhor idade.

É depois do verão que o outono vem.
idade dos acertos e conquistas,
e nenhuma ilusão já não se tem,
é hora de atitudes realistas.

Não há como viver de fantasias,
se o tempo que passou foi só momento,
em ledas primaveras de alegrias.

Tal qual o despertar de uma canção,
folhas caídas ao sabor do vento,
outono da vida, renovação.

2º Lugar no IX Concurso Literário interno "Acadêmica Maria Morgado de Abreu", categoria SONETO: Tema: OUTONO DA VIDA.



Convidamos os caros leitores a uma nova leitura a respeito do ser feminino. Na edição anterior, publicamos o artigo Santo Tomás de Aquino e o Bolsonaro, do amigo ibateano, Pof. Joaquim Benedicto de Oliveira, em que apresentava alguns registros do mestre da teologia católica ("toda mulher é falha", "a prole feminina é deficiente e causada por acidente" ou ainda, que "a imagem de Deus, no sentido pleno do termo, só se encontra no homem") comparando-os a pronúncia do atual ocupante do Palácio da Alvorada, de que a vinda de sua filha à luz desse mundo tivesse sido fruto de uma "fraquejada" de sua parte.

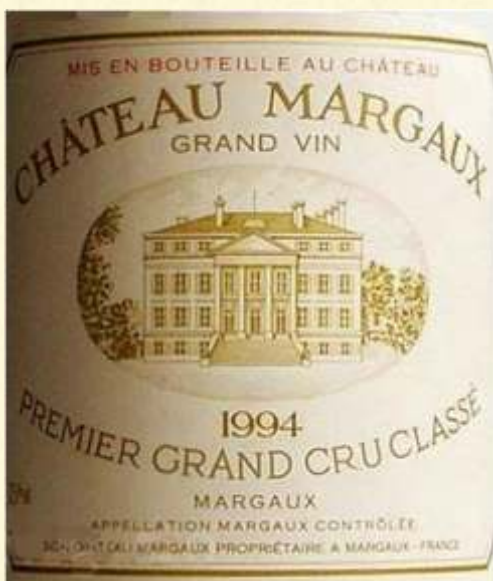
Cláudio Giordano, surpreso com a visão tacanha de Santo Tomás sobre a mulher, de imediato providenciou uma cirurgia para os disparates apresentados, elegendo um trabalho do escritor francês Anatole France, que aqui apresentamos aspergidos com argumentos do Prof. Valdevino Soares de Oliveira: "Esse texto fala de uma mulher inspiradora e motivadora da existência das coisas, da realidade criada por poder de imaginação e de fantasia. E é essa imaginação suscitada pela fada que faz tudo funcionar e tornar realidade os sonhos, os novos cenários, os gozos, as felicidades, as pessoas, o prazer de viver, enfim, o sentido da vida. Diferentemente, a mulher configurada nas pinceladas de Tomás de Aquino, é periférica, circunstancial, submissa e/ou controlada pelo homem. A ela, ele atribui o papel e a função de figurante, enquanto Anatole a faz protagonista, ainda que uma fada - metáfora do alimento da vida. Parabéns por ter suscitado no leitor atento, como é o Giordano, a reflexão comparativa. Por caminhos outros, chega-se à crítica das diferentes posturas femininas e faz aflorar o caráter qualificador da mulher, escondido nas franjas do texto de Tomás de Aquino e que só poderia resultar no aparecimento da verdadeira mulher participante e senhora de suas ações".

VIRTUDES DE UM CHATEAU-MARGAUX

Anatole France

(1844-1924)

A refeição amplamente servida prolongou-se. Possuo um talento de degustação que vai talvez acima do medíocre. Meu



anfitrião percebeu meus conhecimentos e brindou-me, mandando abrir, em minha honra, certa garrafa do Château-Margaux. Bebi com respeito esse vinho de pura linhagem e nobre virtude, do qual nunca se pode louvar bastante o perfume e o calor. As suas gotas, como de um orvalho ardente, espalharam-se pelas minhas veias, encheram-me de mocidade. Sentado no terraço, junto da Sra de Gabry, sob o crepúsculo que banhava de mistério as formas engrandecidas das árvores, tive o prazer de exprimir à espiritual companheira desse fim de dia o que estava sentindo, com uma vivacidade e um transbordamento espantosos num homem destituído, como eu, de qualquer imaginação. Transmiti-lhe, espontâneo, sem me socorrer de nenhum texto distante, a doce tristeza da tarde e a beleza da terra natal, que nos alimenta não apenas de pão e vinho, mas também de ideias, de sentimentos e crenças e que nos receberá no seu seio maternal, como crianças exaustas de uma longa jornada.

— Senhor Sylvestre Bonnard disse-me a Sra de Gabry, está vendo essas velhas torres, essas árvores, esse céu: como as personagens dos contos e das canções populares saíram naturalmente de tudo isso! Ali está o caminho que seguiu o Chapeuzinho Vermelho quando foi colher avelãs. Pelo céu, de tantas cores e sempre meio nublado, passaram os carros das fadas, e a torre do Norte talvez tenha escondido, debaixo do seu telhado pontudo, a velha fiandeira cujo fuso picou a Bela Adormecida no bosque.

Embalava-me ainda com as graciosas palavras da esposa quando o marido começou a descrever, por entre a fumaça de um charuto perfumado, não sei que processo que acabara de intentar contra a comuna com a qual se desentendera num caso de desvio de água.

Atingida pela friagem do cair da noite, ela teve um arrepio sob o xale, despediu-se de nós, recolheu-se ao seu quarto. Resolvi então, em vez de subir para o meu, retornar à biblioteca para prosseguir no exame dos manuscritos. Apesar da opinião do Sr. de Gabry, de que era melhor deixar o trabalho para amanhã, entrei no que antigamente se chamava “a livraria”, e, à luz da lâmpada, comecei a ler. Depois de ter percorrido umas quinze páginas, evidentemente obra de um escriba ignorante e distraído, pois não me foi fácil apreender o sentido, [...] senti uma lenta sonolência pesando sobre o meu espírito. Tinha debaixo dos olhos um cartapácio, cujo interesse pode ser avaliado, ao saber-se que faz menção de uma toca de coelhos vendida a Jehan d'Estourville, padre, em 1212. Mas, embora eu lhe avaliasse então toda a importância, não me detive sobre tal documento como ele exigia imperiosamente. Meus olhos não paravam nas páginas, iam, de segundo em segundo, para um lado da mesa vazio de qualquer objeto interessante do ponto de vista da erudição. E lá pararam por fim. Havia ali, só, um grosso volume alemão, encadernado em pele de carneiro, com fechos de cobre nas capas e grossas nervuras no dorso. Era um belo exemplar da compilação conhecida sob o nome de Crônica de Nuremberg, recomendável apenas pelas gravuras em madeira que a ornava. O volume, de aspecto bem cansado, parecia repousar ali. Não saberia dizer por que nem há quanto tempo os meus olhos estavam fixos, sobre o velho in-folio, quando foram arregalados por um espetáculo de tal maneira espantoso, que um homem como eu, sem fé no sobrenatural, assim mesmo tinha que ficar estupefato.



Vi, de repente, vinda não sei de onde, uma mulher sentada no dorso do livro, um joelho dobrado e uma perna pendente, mais ou menos em atitude igual a das amazonas do Hyde-Park ou do Bois de Boulogne, em cima dos cavalos. Era tão pequena que seu pé balançando não chegava até a mesa sobre a qual se estendia em dobras a cauda do vestido. Mas, o rosto, as formas eram de mulher adulta. Os seios amplos e a ondulação do talhe não deixavam nenhuma dúvida quanto a isso, mesmo a um velho sábio do meu gênero. Acrescentarei, sem receio de engano, que era muito bonita e de rosto altivo, porque meus estudos iconográficos me habituaram, de longa data, a reconhecer a pureza de um tipo e o caráter de uma fisionomia. A figura dessa dama, surgida tão inopinadamente no dorso de uma Crônica de Nuremberg, ostentava um misto de nobreza e de velhacaria. Tinha o donaire de uma rainha, mas de uma rainha caprichosa; e eu julgava, apenas pela expressão do seu olhar, que devia exercer em alguma parte vasta autoridade com muita fantasia. A boca era arrogante e irônica, e os olhos azuis riam de um jeito que causava inquietação, sob as

sobrancelhas negras, de curva puríssima. Sempre ouvi dizer que as sobrancelhas negras ficam ótimas nas mulheres louras, e essa mulher era loura. Em suma, a impressão dada por ela era de grandeza.

Talvez pareça estranho que uma pessoa do tamanho de uma garrafa e que poderia desaparecer no bolso da minha sobrecasaca, se não fosse desrespeitoso metê-la aí, desse precisamente tal ideia de grandeza. Mas, havia nas proporções da mulher sentada na Crônica de Nuremberg uma graça tão orgulhosa, uma harmonia tão imponente, uma atitude ao mesmo tempo acolhedora e desdenhosa, que me pareceu ser da altura de quase todas as mulheres. Embora o meu tinteiro, que ela examinava, curiosa e trocista, como se já estivesse lendo as palavras que deviam sair da ponta da minha pena, fosse para ela um tanque profundo, onde teria tingido até às ligas as suas meias de seda cor-de-rosa com cantos de ouro repito: era grande e soberana no seu ar de galhofa.

O vestido, apropriado à fisionomia, era de extrema magnificência; de brocado em que brilhavam ouro e prata, capa de veludo nacarada, com forro de veiro, tecido antigo. O penteado, alto, igual ao das mulheres do século XV, com dois chifres que pérolas de bela cor tornavam claros e luminosos, como o crescente da lua.

A mão branca segurava uma varinha que me atraiu a atenção de maneira mais eficaz; pelos meus estudos arqueológicos eu sabia reconhecer com alguma certeza as insígnias que distinguem as criaturas célebres da lenda e da história. A arqueologia foi-me útil na ocasião. Examinei a varinha, e vi que tinha sido talhada no miolo branco de um galho de avelaneira. Não pude duvidar: era uma varinha de fada; portanto, a dama que a segurava era uma fada.

Feliz de conhecer com quem tratava, procurei juntar as ideias e dirigir-lhe um cumprimento reverencioso. Muito me agradaria, confesso, falar com ela, doutamente, das suas semelhantes, tanto nas raças saxônica e germânica, quanto no ocidente latino. Tal dissertação era no meu pensamento um modo sutil de mostrar como lhe agradecia ter aparecido a um velho erudito, contrariamente ao costume das suas irmãs que só se mostram às crianças ingênuas e aos aldeões analfabetos.

Por ser fada, não há mulher que deixe de ser mulher, meditei; e, pois que a Se Récamier, conforme ouvi dizer a J. J. Ampère, levava muito a sério a impressão que sua beleza produzia nos pobres limpadores de chaminé, a dama sobrenatural, sentada em cima da Crônica de Nuremberg, com certeza se envaidecerá ao

ouvir um acadêmico tratá-la distintamente como uma medalha, um sinete, uma fíbula ou um jeton. Esse plano, entretanto, bem difícil de executar pela minha timidez, tornou-se impossível: a dama da Crônica pôs-se a tirar vivamente de uma sacola que trazia ao lado, avelãs tão pequenas como eu nunca as vira, quebrava-lhes as cascas entre os dentes e jogava-as no meu nariz, enquanto comia as avelãs com a gravidade de uma criança que mama.

Em tal conjectura, fiz o que exigia a dignidade da ciência calei-me. Porém, tendo as cascas me causado uma incessante comichão, levei a mão ao nariz e descobri com espanto que os meus óculos estavam lá embaixo, na ponta, e que eu via a dama, não através mas por cima dos vidros, coisa incompreensível, porque os meus olhos, gastos sobre textos seculares, não distinguem, sem os vidros, um melão de uma garrafa, mesmo que a garrafa e o melão estejam perto de mim.

O nariz que Deus me deu, formidável pelo tamanho, pela forma, pela cor, atraiu legitimamente a atenção da fada. Ela apanhou a pena de pato que se erguia como um penacho sobre o tinteiro, e passou-a de ponta a ponta sobre este nariz. Várias vezes, em reuniões familiares, prestei-me a brincadeiras inocentes das mocinhas que, associando-me aos seus jogos, me ofereciam a face para eu beijá-la através das costas de uma cadeira e pediam para eu apagar uma vela que elas levantavam de repente fora do alcance do meu sopro. Contudo, até então, nenhuma pessoa do outro sexo me submetera a caprichos tão íntimos como o de irritar-me as narinas com as felpas da minha própria pena. Lembrei-me felizmente da prudência do meu defunto avô, que costumava dizer que às mulheres tudo se deve permitir e que tudo que vem delas é graça e favor. Recebi, pois, como um favor e uma graça, as cascas de avelãs e as felpas da pena, e procurei sorrir. Ainda mais, decidi falar com polidez e gravidade:

— Minha senhora, está dando a honra de sua visita não a um valdevinos nem a um labrego. Sou um bibliotecário muito feliz de poder conhecê-la. Sei que, em eras passadas, embarçava nas cocheiras as crinas das jumentas, bebia o leite das gamelas espumosas, punha coisas para dar comichão nas costas das velhas, fazia fagulhar os fogões na cara dos criados... em resumo: espalhava a desordem e a gargalhada por toda a casa. Vanglorie-se também dos sustos engraçados que pregou, de noite, no meio das árvores, aos casais que se atrasavam. Entretanto, na minha convicção, a senhora desaparecera para sempre, há três séculos pelo menos. Como admitir a sua presença nesta época de estradas de ferro e de telégrafos? Minha porteira, que foi ama na mocidade, não sabe nenhuma história sua, e um menino, meu vizinho, que ainda não aprendeu a limpar o nariz, afirma que a senhora não existe.

— E agora, que é que pensa? — perguntou com voz estridente, empertigando o corpo em ar de desafio e fustigando com a varinha, como se ela fosse um hipogrifo, a Crônica de Nuremberg.

Respondi, a esfregar os olhos:

— Não sei.

A resposta, marcada por um ceticismo profundamente científico, causou-lhe o mais deplorável efeito:

— Senhor Sylvestre Bonnard, o senhor nada mais é de que um presunçoso. Eu bem desconfiava. Qualquer fedelho, dos que andam pelas ruas com a fralda da camisa fora das calças, conhece-me melhor que todos os homens de óculos dos seus Institutos e das suas Academias. Saber não é nada, imaginar é tudo. Só existe o que se imagina. Eu sou imaginária. Isto é que é existir! Sonha-se comigo, apareço! Tudo é sonho, e como ninguém sonha com o senhor, Sylvestre Bonnard, é o senhor que não existe. Envolve de graça o mundo; estou em toda a parte, num raio de lua, na água de uma fonte, na folhagem que se move e murmura, na exalação que sobe do campo, ao nascer do dia, nos prados floridos, por entre os tojos cor-de-rosa... em toda parte... Veem-me, amam-me, suspiram, e os corações batem no rasto leve dos meus passos que fazem cantar as folhas mortas. As crianças sorriem, pensando em mim, e, pensando em mim, as criaturas mais simples contam coisas maravilhosas. Debruçada sobre os berços, brinco, embalo, adormeço. E o senhor duvida de que eu exista! Sylvestre Bonnard, a sua sobrecasaca esconde o corpo de um asno!

Calou-se; a indignação estufava-lhe as narinas. Enquanto eu admirava, apesar do meu despeito, a cólera heroica da pequena personagem, ela meteu a minha pena no tinteiro, como um remo num lago, e atirou-a no meu nariz, com o bico para a frente.

Senti-me todo molhado de tinta. Esfreguei o rosto. A fada sumiu-se. A lâmpada apagou-se. O reflexo de lua atravessava a vidraça e caía sobre a Crônica de Nuremberg. Sem que eu percebesse, rajadas de vento tinham espalhado pela sala penas, papéis, sinetes. A mesa estava úmida em vários lugares. Eu deixara a janela aberta durante o temporal. Que imprudência!

(O texto ora reproduzido encontra-se às páginas 122/128 da edição cujo frontispício se vê acima.)

France, Anatole - O crime de Silvestre Bonnard - tradução de Álvaro Moreyra, Estudo introdutivo de Jacques Chasgtenet - Ilustrações de Clauss - Editora Opera Mundi - Rio de Janeiro, 1971





PRÓXIMA ESTAÇÃO: PARAÍSO

Aos poucos o Paraíso vem se humanizando.

Aos poucos o Paraíso está se lotando de tanta humanidade. Transbordantemente humano. Que é necessário tudo isso.

É o que a vida quer! É o que a vida busca!

Pixinguinha faz tempo que já está lá com todos os seus Oito Batutas. A Orquestra inteira de Duke Ellington e de Count Basie, também; com elas foram Laurence Brown, Johnny Hodges, Ben Webster, Lester Young, que acompanham os rodopios de Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan, Billie Holiday, Elis Regina, Célia Cruz, Eliseth Cardoso, Dalva de Oliveira, Clementina, Aracy Côrtes, Amália Rodrigues, Jamelão, Gardel, Orlando Silva e Cauby e tantas outras vozes maravilhosas. Fats Waller e Joe Turner são "prata da casa". E o destaque especial para a luz intensa de Louis Armstrong, Paulo Moura, Chiquinha Gonzaga, Charlie Parker, Miles Davis e Clifford Brown, Jascha Heifetz, Lennon & Harrison, Cármen Miranda, Carlos Cachça e tantos outros, com cachês altíssimos, que lotam qualquer audiência. Ah!... o *hors concours* Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim e Earl "Fatha" Hines, Erroll Garner e Oscar Peterson; estes tem cadeira cativa. Trono especial para Baden Powell, **Lino Foureaux**, Piazzola e para a dupla Altamiro e Rampall. Tudo funciona direitinho, Villa-Lobos junta-se a **Juca Bolinha**, Adoniram, Johann Sebastian e Antônio Lúcio Vivaldi e ficam de olho em toda a programação, nenhuma nota fora, *prestissimo*! Na hora das apresentações, a melhor opção: glorioso ao palco surge **Clóvis Baroni**, eterno mestre-de-cerimônias, que sofre muito com a panelinha formada por Dorival Caymmi, **Pepe**, Dick Farney, **Claudino**, Mírian Batucada e Lamartine, pois cantam um pot-pourri interminável. Até Ivon Cury tenta alguma *bavardage*, apoiando-se no trio Chevalier, Yves Montand e Aznavour, que não largam um ao outro, sob o amém de Edith Piaf, a majestosa em seu trono de ouro e diamantes, que só atua com o *nihil obstat* de **Expedito Marcondes**. Lá do alto e altaneiro soa o trompete de **Fondello**, compassadamente.

No entanto, hoje é dia exepcional, 23.05.2019, muito especial. Juntaram-se todos num único batalhão, um só idioma, uma só alegria. Alta ansiedade. Félix Mendelshon, convocado para acalmar os nervos da multidão. Até Di Cavalcante, Mestre Vitalino, Picasso, Portinari e Dali, estimulados pela boa-nova prestes a acontecer, se aproximaram - eles que por tanto tempo estiveram num canto, desbotados, taciturnos e infelizes. O lugar mais especial da festa foi reservado com honrarias a **João Bosco Galvão de Camargo**: personagem importante no desabrochar daquela virtude que estava por chegar; deu o primeiro impulso bussolar nessa esfera que muito rolou no vale de lágrimas. No Paraíso, afinal, hoje chegava a tão aguardada cor. Sim, a cor, pois desde o sempre, - parece uma banalidade dizer assim - a vida no Paraíso houvera sido apenas em branco. Para tanto, essa grande recepção que, se acercava. Festão. Trovões. Ambrosias. O branco, o pálido desmoronava...

aniquilação do anêmico. E onde já se viu a felicidade apenas branca, toda branca?!?! No Paraíso, periodicamente... ciclicamente todos caíam em depressão. A Febre Branca, diziam. Tristeza enorme. Ninguém podia trabalhar direito, mostrar suas habilidades, dizer a que veio, empresstar, enfim, sua humanidade. Ninguém explicava isso. Pfister não demorou muito em assinar o diagnóstico: falta de cor. Depressão pura! Zequinha de Abreu nem pensava mais em sua "Branca". Chega!, dizia ele desacorçoado. Mãe-Menininha se afastou de vez, exausta; não havia mais contraste. Chico Mendes, viciado em verde, vivia ali permanentemente incomodado. Ninguém entendia coisa alguma desse estranho andamento. Mas a cor já está aí na porta. Chamem o **Constantino**, que guarda as chaves de Pedro. Ela chegou. E veio para ficar. Todo Paraíso agora é colorido. Vivo. Vivamente colorido. Contrataram o "**homem da cor**". Chegou hoje. Para todos nós que por aqui ficamos - sabe-se lá até quando - isso tudo é muito dolorido. Sim, perdemos; amputação de um grande naco de nós-mesmos, o sofrimento é grande, a ausência, os laços tão fortes; o buraco que deixa em nós é verdadeira máquina de moer carne, mas há uma compensação no encaminhamento da *closure*, há um sentido profundo: o Paraíso agora pode enfim ser chamado de um lugar onde existe alegria, de um lugar feliz, tornar-se mais atraente. O grande e iluminado mestre também saiu daqui cheio de saudade, da família, de **Chaké Ekizian**, a esposa amada, dos amigos, todos eles, mas saiu em paz, cabeça erguida, consciência limpa e missão cumprida. Espírito evoluído; praticou a arte, que sempre afirmou ser o fundamental. Peçam ao **Germano** que traga logo os melhores vinhos que reservou para esse momento: o **Anchieta** acaba de chegar!



ANTÔNIO CARLOS CORREA (Careca, 64/67), 66, é psicólogo em São Paulo. 11-5575.5013 – acarlos90@uol.com.br


VILA DON PATTO
NATUREZA, LAZER & GASTRONOMIA

Em São Roque tem Seminário/Ibaté-formação,
Saboó, diversão, e agora,
Don Patto, que está de portas abertas
para recebê-los com um delicioso almoço
e um dia incrível de atrações.

- Culinária Portuguesa e Italiana -

Estrada do Vinho, km 2,5 – São Roque-SP
(11) 4711-3001
www.viladonpatto.com.br



CARTA DE AMOR

Cidade dos Sonhos, 12 de junho de 2019.

Querida Bela,

Trago ainda na memória aquela noite festiva, em pleno inverno, baile dos namorados. Teu lencinho caiu e eu, cavalheiro, abaixei-me para apanhá-lo. Fui atraído pelo perfume dele e ainda ajoelhado, comecei a observar-te: as sandálias prateadas, o vestido elegante e jovial... E fui me levantando aos poucos até encontrar o teu olhar.



Com um sorriso me agradeceste. Aquela boina vermelha pareceu-me um sol a brilhar lá no alto. (Só não gostei do cachecol).

Num ímpeto, fui até aquele arranjo de flores e retirei a rosa mais bela. E após beijá-la te ofertei. Ao apanhá-la, um espinho maldoso furou a tua luva branca e te feriu...

Tua reação foi de quem estava anestesiada.

A música tocou mais forte e, naturalmente, saímos para dançar. Tudo desapareceu. O mundo acabou. Só nós dois, envolvidos pelo som e pelo perfume, rodopiávamos, sussurrávamos juras de amor, leves como sobre nuvens!

Mas ... sempre há um mas. Tarde te encontrei. A orquestra tocou a Valsa do Adeus. A festa acabou e partiste ...

Ficaram: teu lencinho ... o perfume ... a imagem ...

E a rosa que te dei? Que fim levou?

Trago a tua lembrança estes fatos, para talvez, reacender em teu coração a chama da paixão, fugaz, que se acendeu entre nós. Sabes como me encontrar.

Quero devolver teu lencinho e saber de minha flor.

Esperançosamente,

Gaudioso.

Barbieri, Alfredo - CARTA DE AMOR, in A VOZ DA INSPIRAÇÃO II - prosa, poesia e pintura - Antologia da Casa do Poeta de Campinas Editora Átomo - Campinas 2004

Classificado em Primeiro Lugar no Concurso de Cartas de Amor-2004 promovido pela Secretaria de Cultura e Sociedade dos Amigos da Cultura de Lorena-SP

(*) ALFREDO BARBIERI (49/53), 87, também ex-aluno de Pirapora (46/48) é um imortal da Academia Taubateana de Letras, poeta, escritor e professor universitário aposentado. Mora em Taubaté-SP – (12) 3621.3381 alfredo_barbieri@hotmail.com



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

PHOTANTQUA



Saudades do Seu João

Nosso ilustre faxineiro

(Acervo de Rovirso Aparecido Boldo)



Dependência de álcool e outras drogas?

Entre em contato com o **Roberto Oliveira da Silva** Psicólogo com vários cursos na área da Dependência Química.

Dá assistência aos familiares, amigos e para o usuário.

EVITE situações que façam aumentar o sofrimento para você e para as pessoas que você ama - faça a sua parte: procure ajuda.

O **Roberto** é do nosso time - **Turma do Ibaté (1970 - 1973)**

Ele convive com a complexa questão da Dependência Química há 8 anos. Seu trabalho é voluntário (gratuito) no Instituto Pinderê há 11 anos.

WhatsApp 11-95431-4413 - Tim | 11-98851-6786 - Claro | Instituto Pinderê - 11 5511-8153 (falar com a Bia)
e-mail: ccicm22@gmail.com



Sábado, 3:40h da madrugada.

Detesto imposições.

Minha próstata tem 69 anos e é cheia de dar ordens: hora de mijar!

Levanto sonolento e escorrego no tapetinho que a mulher insiste em colocar aos pés da cama. Só não levo um tombo porque me apoio na cômoda.

P.q.p.! Pra quê colocar esse tapetinho? Será que ela acha que fui deitar de botas sujas de lama? Daí quando eu levantar já teria à minha disposição a droga do tapetinho para limpar os pés?

Entro no banheiro e enfrento o segundo round da corrida de obstáculos: além da porra da tampa do vaso abaixada lá está outro tapetinho, aos pés da privada. Esse eu chuto pra bem longe.

O fato de a mulher reclamar o tempo todo que eu levanto a tampa da privada, e a deixo assim, já nem me incomoda, porque é um clássico do comportamento feminino e até virou clichê no anedotário nacional. O que incomoda é, sonolento, ter que levantar a tampa.

De saco cheio, conto até dez.

Sábado, 10:00h da manhã.

Detesto mania de limpeza.

A mulher resolve ajeitar o banheiro. É só ela entrar e lá vem bronca dupla: o tapetinho fora do lugar e a tampa levantada.

Escuto quieto. Tenho sempre que ficar lembrando que é ela quem bota o dinheiro em casa e a minha sogra viúva tá quase batendo as botas, com herança gorda à vista.

Na minha idade, é melhor ter que abaixar a tampa da privada que ficar sem grana.

Com bom senso, conto até vinte.

Sábado, 11:00h da manhã.

Detesto que mexam nas minhas coisas.

Desde pequeno sofro com a mania de arrumação dos outros. Minha mãe entrava no meu quarto e "arrumava" as coisas. Depois, foi a vez da minha mulher. Desde que os filhos cresceram e se mandaram ela me pegou pra vítima.

Não bastasse a arrumação no nosso quarto ela também faz suas investidas nos meus apetrechos de cozinheiro. O resultado é que eu nunca encontro as tralhas, porque ela guarda tudo nos seus indevidos lugares. Acho que faz de propósito, só para eu ficar perguntando onde as coisas estão.

Resolvo fazer o almoço e ela, lavando o quintal, já berra: – Vê se não faz bagunça!

Pavio curto, conto até trinta.

Sábado 5:00h da tarde.

Detesto coisa ilógica.

Num gesto de realpolitik doméstica, vou lavar a louça de três dias que se acumula na pia. E a mulher grita lá da sala de TV: – Põe o tapetinho pra não molhar o chão! É que ela sabe, mesmo sem ver, que eu já coloquei o tapetinho de escanteio.

Agora eu pergunto: e por que não pode molhar o chão da cozinha? O chão por acaso não é impermeável?

Respiro fundo, conto até quarenta.

Domingo, 11:00h da manhã.

Detesto barulho.

Churrasco no vizinho.

Nada contra, não fosse o fato de a fumaça vir toda para a minha casa e eu ter que aguentar aquele cheiro engordurado de carne de terceira.



Daí começa o som brega e a gritaria, que vão aumentando na proporção em que o teor alcoólico sobe. Se for dia de futebol a coisa piora muito. Isso dura até a noite.

Minha mulher diz que eu sou intransigente, só porque eu tenho que fechar todas as janelas e colocar um fone de ouvido para poder ler alguma coisa em paz e, talvez, dar uma cochilada. Só isso!

Para me irritar, ela vai ao muro e pede um pedaço de linguiça aos vizinhos.

Provocado, conto até cinquenta.

Domingo, 8:00h da noite.

Detesto velhas pendências.

Resolvo dar um jeito nas coisas e começo meu discurso. – Bem, como dizem os geriatras, os tapetinhos são inimigo número um dos idosos. Segundo as estatísticas, eles são responsáveis por um número enorme de escorregões e quedas, já causaram até mortes...

Ela interrompe: – Tô com sono. Amanhã a gente conversa.

Vou te contar...

Segunda-feira, 8:00h da manhã.

Detesto surpresas.

O caminhão baú encosta. Ela já tinha tramado tudo. Ia me largar e morar com a mãe.

Me tranco no quarto e vou acompanhando o movimento pela janela, enquanto a megera ajuda a colocar a mudança no caminhão, tudo na mais perfeita arrumação, lógico.

Sem um pio, carrega o último cacarê, olha para cima, me dá um tchausinho e o caminhão some na esquina.

Volto para a cama.

Nem te conto.

Segunda-feira, 3:40h da madrugada.

A vida continua.

Minha próstata tem 69 anos e é cheia de dar ordens: hora de mijar!

Quando me levanto, dou conta de que o tapetinho da

cama tinha sumido.

O do banheiro também.

Até o da cozinha. Ela levou todos.

Pego um martelo, volto ao banheiro, ergo a tampa da privada e prego a desgraçada na parede.

Não conto mais.



(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 70 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP. Atualmente dedica-se às letras e é autor do livro HISTÓRIAS DE HUMOR PARA QUEM ESTÁ DE BEM COM A VIDA-OU QUER FICAR, Editora Claridade. loureiroefabiana@gmail.com



José Gomes Pinheiro
OAB/SP 36.636

Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215

São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: jgpinheiro@aasp.org.br

Tel: (11) 3115-2733

PARÓQUIA DAS TROVAS

O que mais forte e calmante
que um doce beijo de amor?
Excelso e tácito instante
que dá à libido calor.

Antônio Jurandyr Amadi (Kiro/Engenheiro) (51/57)

Nosso encontro está chegando,
nas colinas do Ibaté,
o Mosca está convocando,
vai ser bom, eu ponho fé.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Existe coisa mais quente
do que um abraço apertado?
É amor saindo da gente
pra quem por mim abraçado.

Rever o meu seminário,
os colegas de verdade,
o pujante solitário
Saboó, minha saudade.

Já troquei a bateria
com um novo marca-passo.
Após esta estrepolia
Voltarei ao meu compasso.

Alfredo Barbieri (49/53)

Aquele gesto...Pequeno
Naquele leito...meu Deus!
Não era um simples aceno,
foi seu derradeiro adeus!

Meu amigo dou-lhe um toque
Você não pode esquecer
este ano tem São Roque
você deve aparecer.

Nem sempre a felicidade
vem da vitória ou da fama:
pode estar numa saudade
ou nos sonhos de que ama!

Jaime Pina da Silveira
Ex-aluno do Colégio São José
Pouso Alegre, MG - Padres Pavonianos

Se a vida resolve, ingrata,
fazer meu mundo tristonho,
quanto mais meus sonhos mata
tanto mais, teimoso, eu sonho!

A saudade não permite
nem que eu sonhe um novo amor:
tua lembrança é um limite
que eu não consigo transpor...

João Freire Filho (RJ, 1989/1990) - "Magnífico Trovador"
Convidado especial - Coadjutor na Paróquia

Envie-nos você também a sua trova

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>



*Festa de Aniversário de
Antônio José de Almeida*
2004

Rovirso Aparecido Boldo (64-69), Isidoro da Silva Leite (63-64), Atílio Brunacci (49-55), Gilberto Cianfloni Lucarts (57-60), Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi (49-53), José Lui (49-56), Carlos Domingues Cosso (54-57), Wilson Mosca (55-57), Francisco Ferreira de Almeida (64-68), Antônio José de Almeida (63-66) e Antônio Carlos Correa (64-67)

Para-choque do Caminhão do Ubaté

**Se você não lutar por
alguma coisa, será vencido
por qualquer coisa.**



CASO EDIFICANTE

Que menino...

José Lui*



Um menino está esperando no ponto de ônibus junto com sua mãe, que está grávida.

O menino a observa e lhe pergunta:

- Mamãe, porque a senhora está com esta barriga tão grande?

Amãe responde:

- Porque estou esperando a tua irmãzinha.

O menino vê um pouco além um senhor muito gordo sentado no banco de espera, se aproxima dele e lhe pergunta:

- E o senhor, o que está esperando?

- Ora, meu menino, estou esperando o ônibus.

E o menino:

- Se vier uma bicicleta você dá ela pra mim?

(*) José Lui, 82 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978
rubrolui@hotmail.com



Fake News

O limite entre a verdade e a mentira está borrado.
E não se pode distinguir o certo do errado.
Tudo está posto na esfera do relativo
e do normal.

O perigoso se transveste de inofensivo
e o bem se iguala ao que é mal.

O que é a verdade é uma pergunta bíblica
e vem de muito longe e aqui se mumifica
sem resposta e solução.

E assim se é culpado
pelo sim e pelo não.

A verdade? É o que está na delação!

Valdevino Soares de Oliveira, 59-63

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.05.2019	
POSIÇÃO EM 31.03.2019	17.569,03
ENTRADAS	
Contribuições e doações	4.893,79
Inscrições XIV Encontro	1.048,00
Juros	154,74
TOTAL ENTRADAS	6.096,53
SAÍDAS	
Diagramação Echus 160	800,00
Despesas Correios	35,10
Antecipação Seminário	600,00
Pigma-Crachás	300,00
DM Gravações-Placa Comemorativa	96,00
Despesas Bancárias	76,15
TOTAL SAÍDAS	1.907,25
SALDO ATUAL 31.05.2019	21.758,31
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.02.2019 a 31.03.2019, dos seguintes colegas: Antonio da Aparecida Simões Cúcio, Antonio José de Almeida, Attilio Brunacci, Edson Depólito, Francisco Fierro, Holien Gonçalves Bezerra, Horácio José de Sousa, Irineu Xavier Cotrin, José de Mello Junqueira, José Ecio Pereira da Costa Junior, José Eustáquio da Costa, José Fernandes da Silva, José Luiz Mariano Gomide Ribeiro, Dom José Maria Pinheiro, José Paulo Bruna, José Ricardo Falcão, Luiz Alberto Correa da Silva, Luiz de Gonzaga Giannini, Nadir Fermino, Roberto Lui, Rocco Antonio Evangelista, Sergio Santana, Valter Cruz, Vicente de Paulo Moraes e Wilson Mosca. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE)

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antônio Carlos Correa-Careca, Antônio Jurandyr Amadi, Claudio Giordano, Jaime Pina da Silveira, José Edson Soares da Cruz, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Luiz Loureiro, Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi e Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antonio Carlos Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

E-mail : echusdoibate@gmail.com

"Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br

Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br

Comunidade IBATEANOS no Facebook

Echus do Ibaté nas nuvens: [links http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate](http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate)

Diagramação: Conexão Propaganda

